

**NOVOS HORIZONTES NA DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: da concepção espacial moderna à complexidade multidimensional contemporânea<sup>1</sup>**

**NEW HORIZONS IN ARCHIVAL DESCRIPTION: *from modern spatial conception to contemporary multidimensional complexity***

Cássio Murilo Alves Costa Filho\*  
Renato Tarciso Barbosa de Sousa\*\*  
Angelica Alves da Cunha Marques\*\*\*

**RESUMO**

Analisa como a concepção espacial moderna, sobretudo os ideais de ordem e hierarquia, influenciam a descrição arquivística e apresenta novas abordagens mais aderentes à dinâmica espaço-temporal contemporânea. Foca nas impressões modernas no discurso arquivístico e como a digitalização e globalização desafiam as bases teóricas estabelecidas. Empreende pesquisa teórica, qualitativa e exploratória-descritiva, utilizando a história cruzada e a arqueologia dos saberes para analisar fontes bibliográficas. Conclui que a descrição arquivística está passando por uma transformação significativa, movendo-se de uma abordagem rígida e hierárquica para uma mais flexível e adaptável. Esta mudança reflete a necessidade de capturar a complexidade e as múltiplas inter-relações dos documentos no contexto digital contemporâneo. A descrição multidimensional, utilizando modelos de rede e grafos, se destaca como uma solução avançada que permite uma representação mais precisa e dinâmica, alinhada às novas exigências tecnológicas e às realidades multifacetadas dos arquivos na era digital.

**Palavras-chave:** modernidade; espaço; ordem; hierarquia; descrição multidimensional.

**ABSTRACT**

This study analyzes how modern spatial concepts, particularly the ideals of order and hierarchy, influence archival description and presents new approaches better suited to the contemporary spatio-temporal dynamics. It focuses on modern impressions in archival discourse and how digitization and globalization challenge established theoretical foundations. The research is theoretical, qualitative, and exploratory-descriptive, employing cross-history and the archaeology of knowledge to analyze bibliographic sources. It concludes that archival description is undergoing a significant transformation, shifting from a rigid and hierarchical approach to a more flexible and adaptable one. This change reflects the need to capture the complexity and multiple interrelations of documents in the contemporary digital context. Multidimensional description, using network and graph models, emerges as an advanced

<sup>1</sup> Artigo atualizado, oriundo da comunicação oral realizada no X Congresso Nacional de Arquivologia (CNA) em Salvador, Bahia, entre 14 e 18 de outubro de 2024.

\* Auditor de Controle Externo do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF) | Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) | [acosta.cassio@gmail.com](mailto:acosta.cassio@gmail.com)

\*\* Professor Titular da UnB | Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) | E-mail: [renasou@unb.br](mailto:renasou@unb.br)

\*\*\* Professora Associada da UnB | Doutora em Ciência da Informação pela UnB | E-mail: [angelicacunha@unb.br](mailto:angelicacunha@unb.br)



solution allowing more precise and dynamic representation, aligned with new technological demands and the multifaceted realities of digital age archives.

**Keywords:** modernity; space; order; hierarchy; multidimensional description.

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo estudo das dimensões de espaço e tempo na Arquivologia emergiu durante nossa pesquisa de mestrado, período em que nos dedicamos a explorar o modelo teórico records continuum. Esse estudo buscou testar a conformação do ciclo vital dos documentos diante de um cenário marcado por inovações nas formas de produção e uso de documentos. As investigações revelaram a importância fundamental dessas categorias e suas inter-relações com a Arquivologia, despertando em nós um interesse profundo em expandir esse tema.

No doutorado, ampliamos essa investigação para analisar como o discurso da modernidade, especialmente suas concepções de espaço e tempo, está profundamente integrado ao pensamento arquivístico. Exploramos como essas dimensões desempenham um papel crucial na formação discursiva da Arquivologia, ao mesmo tempo em que buscamos sistematizar subsídios teórico-epistemológicos que respondam à complexidade da contemporaneidade. Reconhecemos que a Arquivologia, como disciplina, carrega uma herança marcadamente moderna, fortemente vinculada a essas concepções, mas também abraçamos o "dever contemporâneo" da disciplina, destacando novos referenciais que se alinham às dinâmicas espaço-temporais atuais.

Este artigo investiga como os preceitos da modernidade influenciam a descrição arquivística e como as novas dinâmicas espaço-temporais, introduzidas pela digitalização e globalização, desafiam as bases teóricas estabelecidas. A pesquisa busca compreender a transição de uma abordagem rígida e hierárquica para uma mais flexível e adaptável, necessária para capturar a complexidade e as múltiplas inter-relações dos documentos no contexto digital contemporâneo.

A metodologia adotada é de natureza teórica, qualitativa e exploratório-descritiva, fundamentada em um levantamento bibliográfico e análise crítica. Utilizamos a história cruzada (Werner; Zimmermann, 2003) e a arqueologia dos saberes (Foucault, 2008) para examinar a descrição arquivística em seus contextos histórico e cultural, considerando novas noções de espaço e tempo. A coleta de dados envolveu a identificação



e seleção de obras que abordam diretamente a inter-relação entre a concepção moderna de espaço e a Arquivologia. O critério de seleção de textos foi baseado nas sistematizações e periodizações da trajetória do conhecimento arquivístico realizadas por Bautier (1968) e Schmidt (2012), no estudo de manuais arquivísticos identificados por Marques (2011) e em estudos publicados em periódicos relevantes sobre temática arquivística.

A análise dos dados foi realizada por meio da aplicação da história cruzada, contextualizando as fontes históricas e compreendendo as influências mútuas entre diferentes conceitos espaciais ao longo do tempo. Além disso, a arqueologia dos saberes foi utilizada para identificar e analisar os enunciados específicos que caracterizam a formação discursiva da Arquivologia, examinando não apenas a estrutura interna do discurso, mas também seus contextos histórico e cultural mais amplos, especialmente no que diz respeito à noção de espaço.

O panorama da pesquisa é demarcado temporalmente pelo período que envolve os séculos XVIII e XIX — momento em que a Arquivologia se ilumina como uma disciplina científica (Marques, 2011) — e, espacialmente, pelo centro originador do discurso arquivístico moderno, a Europa Ocidental (Cook, 1997). Este estudo visa lançar luz sobre como a concepção espacial moderna está integrada a aspectos fundamentais da disciplina, como a autenticidade, o princípio da proveniência e a estruturação dos fundos arquivísticos.

O estudo está estruturado em três tópicos principais: a concepção espacial moderna e sua influência na descrição arquivística; a dinâmica espaço-temporal contemporânea e suas características; e novas abordagens de descrição arquivística, incluindo a transição para práticas integradas e contínuas, influências das TICs e a descrição multidimensional que utiliza modelos de rede e grafos.

## 2 CONCEPÇÃO ESPACIAL MODERNA E SUA INFLUÊNCIA NA DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA

Nesta seção, discutiremos a concepção moderna de espaço e como essa noção foi incorporada na Arquivologia, influenciando profundamente a descrição arquivística e a organização dos arquivos. Partindo das origens filosóficas e científicas do conceito de espaço, exploraremos como essas ideias moldaram a teoria arquivística moderna. A análise se baseia em teorias clássicas e modernas que formaram nossa compreensão do espaço, desde as ideias geométricas dos gregos até as revoluções científicas do



Renascimento e da era moderna, e como esses princípios foram aplicados na prática arquivística, contribuindo para a estruturação de conceitos fundamentais como a ordem, a hierarquia e a preservação da autenticidade documental. Veremos como a descrição arquivística, fundamentada nesses ideais, evoluiu para garantir a organização eficiente e a acessibilidade dos documentos, refletindo a dinâmica espaço-temporal da modernidade.

As bases da concepção moderna de espaço remontam à tradição grega, especialmente às teorias aristotélicas, onde o espaço estava ligado à posição e situação específicas da matéria ou forma. A matemática desempenhou um papel significativo através da geometria na mensuração do movimento dos objetos. No pensamento platônico, o espaço equivalia à tridimensionalidade, reduzindo a matéria ao próprio espaço e a física à geometria. Conforme Jammer (2010), Platão atribuiu estruturas geométricas específicas aos elementos: água como icosaedro, ar como octaedro, fogo como pirâmide e terra como cubo; sendo a terra, devido à sua forma cúbica estável, o centro do universo, circundada pelos demais elementos ordenados por mobilidade.

A concepção moderna de espaço, notadamente a de Descartes, foi influenciada pelo atomismo antigo de Leucipo e Demócrito, pelos neoplatônicos e pelas críticas de Filopono ao vazio aristotélico. Chauí (1999) e Crosby (1999) destacam que, durante o Renascimento, novos instrumentos de investigação e técnicas de pintura transformaram a noção de extensão, alterando a percepção espacial na Itália do século XV através de influências bizantinas, do naturalismo e do crescente interesse em óptica e geometria.

Jammer (2010) observa que as teorias desse período facilitaram a emancipação do aristotelismo, fundamentando o ideário moderno. Essa nova perspectiva via o espaço como precedente aos corpos, homogêneo e indiferenciado, ocupado sem resistência, com conceitos como alto e baixo ligados às interações entre corpos. Wertheim (2001) aponta que o modelo heliocêntrico de Copérnico no século XVI representou a primeira grande ruptura com a cosmologia medieval, ganhando aceitação entre as camadas cultas da época.

Nesse contexto, a geometria tornou-se central nos estudos de física, exemplificado por Galileu em *Il Saggiatore*, onde descreve o universo como um livro matemático de formas geométricas. Koyré (2001) argumenta que a mecânica galilaica redefiniu o movimento como um estado no espaço e no tempo, afastando-se das noções aristotélicas de potência e forma; os corpos passaram a mover-se em um espaço geometricamente definido, tornando a realidade suscetível à matematização.



A visão moderna do espaço enfatiza seu caráter matematizado e tridimensional. Descartes postulou que a extensão corporal equivalia à extensão espacial, vendo os corpos como partes do espaço e negando a existência do vácuo, percebendo apenas substância extensa (Cavaillé, 1996). Essa perspectiva foi crucial para o desenvolvimento da física mecanicista, unificando matéria extensa e espaço sólido.

No século XVIII, Newton descreveu o espaço como um vazio absoluto — homogêneo, infinito, contínuo e isotrópico — existindo independentemente dos corpos e definindo a essência de todas as coisas (Lopes, 1992). Koyré (2001) observa que a ciência moderna surgiu da desconstrução do conceito de Cosmos e da geometrização do espaço, substituindo o espaço concreto aristotélico pelo abstrato da geometria euclidiana. Essa geometrização, iniciada por artistas renascentistas através da perspectiva, reestruturou a concepção de mundo, consolidada pela ciência newtoniana (Braga, Guerra, Reis, 2004). Foucault (2001) considera o trabalho de Galileu como pivotal, deslocando a visão de um universo finito medieval para um infinito focado no posicionamento. Assim, a revolução científica do século XVII marcou a transição para uma compreensão do espaço como abstrato e geométrico, evoluindo da concepção cartesiana para a definição newtoniana de espaço absoluto.

Portanto, a compreensão moderna de espaço caracteriza-se por ser homogênea, tridimensional e matematizada, onde o espaço é uma extensão essencial da matéria, conforme a filosofia cartesiana, e é visto como absoluto e independente dos corpos, segundo Newton. A revolução científica do século XVII, com a geometrização do espaço e a mudança da percepção de um universo finito e hierárquico para um infinito e indiferenciado, foi fundamental para essa nova visão. Esse entendimento moderno permite uma matematização do real e influenciou profundamente o desenvolvimento da Física e outras ciências.

A concepção moderna de espaço influenciou profundamente o desenvolvimento e a institucionalização dos arquivos e da Arquivologia. Derrida (2001) explora a etimologia da palavra "arquivo", remontando ao grego *arkheion*, que designava a residência dos magistrados superiores, os arcontes. Esse espaço, institucionalizado e dotado de autoridade pública, marcava a transição de documentos da esfera privada para o domínio público, conferindo-lhes legitimidade. A noção de que o espaço arquivístico não é apenas um local de armazenamento, mas um componente essencial para a preservação da memória, remonta às primeiras civilizações, onde a preservação de documentos estava



diretamente ligada à sua localização física em templos, tesourarias ou arquivos públicos.

Duranti (2007) argumenta que a concepção de arquivo como lugar tem suas raízes no Direito Romano, onde os arquivos eram vistos como locais públicos de preservação de documentos sob a jurisdição de uma autoridade. Esse conceito foi fundamental para a legitimação e autenticidade dos documentos, um princípio que se manteve ao longo dos séculos e se consolidou na modernidade. A autora destaca a importância do "limiar arquivístico", um espaço dentro do edifício do arquivo onde a autenticação e a organização dos documentos eram realizadas por autoridades competentes, garantindo sua integridade e confiabilidade.

A centralização e a custódia dos arquivos tornaram-se princípios fundamentais na era moderna, refletindo a necessidade de garantir a autenticidade e a preservação dos documentos. Jenkinson (1937) e Duranti (2007) ressaltam que a localização estratégica dos depósitos de arquivo, afastados de fontes de contaminação e influência externa, era essencial para a manutenção da integridade dos registros. A custódia contínua dos documentos, que se estendeu desde a Antiguidade até a modernidade, é vista como um requisito crucial para a garantia da autenticidade documental.

A evolução dos arquivos, desde espaços improvisados em templos e igrejas até edifícios especializados na era moderna, reflete a crescente necessidade de segurança e acessibilidade dos documentos. O desenvolvimento da administração pública e o surgimento do Estado-nação impulsionaram a construção de prédios públicos destinados exclusivamente à guarda de documentos, consolidando a centralização como um modelo eficaz de organização arquivística. No entanto, o acesso aos arquivos permaneceu controlado por monarcas e instituições religiosas, revelando a complexa relação entre poder, custódia e acesso à informação na história dos arquivos.

A concepção moderna de espaço também influenciou a noção de ordem e hierarquia na Arquivologia, elementos fundamentais para a configuração da descrição arquivística. A transição para a era moderna trouxe a necessidade de sistemas físicos e intelectuais de organização que permitissem a localização e a recuperação eficientes dos documentos. A ordem dos arquivos não era apenas uma questão de arranjo conceitual, mas de uma organização física concreta, onde a disposição espacial dos documentos se tornou essencial.

Friedrich (2018) afirma que o desenvolvimento da cultura da escrita gerou a necessidade de criar objetos físicos, como páginas e livros, para registrar ideias e



informações, vinculando a existência dos arquivos modernos a uma dimensão espacial. Na era moderna, a recuperação de conhecimento armazenado dependia de sua localização e organização física, onde a ordem do conhecimento equivalia à disposição dos objetos no espaço. A ênfase na dimensão física guiou a prática arquivística, tornando o espaço fundamental para a organização dos documentos. Brothman (1991) defende que os arquivos sempre foram desafiados a impor ordem ao espaço em que habitam. Colocar as coisas em seus devidos lugares, ou seja, distribuir artefatos no espaço, é uma noção elementar do fazer arquivístico. Essa ordem pode ser física, como a arrumação de papéis, mapas e fotografias, ou intelectual, como o arranjo de acordo com princípios metodológicos. A transição para a modernidade solidificou o ideal de ordem como um postulado arquivístico central, essencial para a organização e acessibilidade dos arquivos.

A noção de hierarquia também foi profundamente influenciada pelas estruturas organizacionais e burocráticas modernas. O modelo burocrático do século XIX, com sua ênfase na hierarquia e na cadeia de comando, moldou diretamente as práticas de arranjo e descrição arquivísticas. A hierarquia, como estrutura mono-hierárquica, tornou-se uma característica central das organizações burocráticas e refletiu-se na organização dos arquivos, onde a descrição arquivística passou a representar o arranjo dos documentos de maneira hierárquica e linear, facilitando a acessibilidade e preservando o contexto original dos registros.

A análise funcional desenvolvida por Schellenberg (1956) e o modelo de arranjo arquivístico proposto por Oliver W. Holmes consolidaram a hierarquia como um princípio fundamental na organização dos arquivos. A descrição arquivística, estruturada em níveis hierárquicos, garante que a informação descritiva seja apresentada de forma progressiva, do geral ao específico, preservando o contexto e a integridade dos documentos.

Por fim, a consolidação do conceito de fundo e a hierarquia de níveis estabelecida em normas de descrição, como a ISAD(G), reafirmam a importância da ordem e da hierarquia na organização dos arquivos. Esses princípios, derivados da concepção moderna de espaço, influenciaram profundamente a formação do pensamento arquivístico, estabelecendo a ordem e a hierarquia como elementos centrais e indispensáveis na organização e interpretação dos arquivos.

A análise apresentada evidencia como a concepção moderna de espaço, juntamente com os ideais de ordem e hierarquia, moldou profundamente a teoria e a prática arquivística. O espaço, mais do que um simples local de armazenamento, tornou-



se um elemento legitimador da autenticidade documental, enquanto a ordem e a hierarquia emergiram como princípios centrais na organização dos arquivos. A transição para a era moderna trouxe a necessidade de sistemas organizacionais que não apenas garantissem a preservação e a autenticidade dos documentos, mas também facilitassem sua acessibilidade. Dessa forma, a descrição arquivística, conforme praticada na modernidade, reflete esses ideais ao buscar organizar e representar o conhecimento arquivístico de maneira estruturada e coerente com as exigências do contexto moderno. A ordem, a hierarquia e o espaço, portanto, continuam a ser elementos indispensáveis na interpretação e na organização dos arquivos, evidenciando a influência duradoura dos ideais da modernidade na Arquivologia.

### 3 A COMPLEXA DINÂMICA ESPAÇO-TEMPORAL DA CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade caracteriza-se por uma relação singular com o espaço e tempo, marcada por dissociações e anacronismos que desafiam concepções tradicionais. No século XX, transformações significativas sob o capitalismo reestruturaram trabalho, política, economia e cultura, refletidas nas construções modernas de ciência e Estado, exploradas por teóricos como Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman e Jean-François Lyotard.

Lipovetsky (1944-) introduz o conceito de "hipermodernidade", Bauman (1925-2017) discute a "modernidade líquida" e Lyotard (1924-1998) aborda a "pós-modernidade". Estas teorias destacam a transição da solidez para a liquidez, marcada pela incerteza e instabilidade socioeconômica. Bauman (1999) argumenta que a modernidade enfrenta a inexecuibilidade de seu projeto original, com a categorização científica contribuindo para desastres sociais e ambientais. Lyotard (1984) é referência no estudo da pós-modernidade, destacando o fracasso da concepção moderna de verdade e o declínio das metanarrativas. Morin (2011) corrobora essa visão, criticando o conhecimento científico simplificador e propondo o pensamento complexo para lidar com a incerteza e complexidade contemporânea.

A modernidade, conforme Bauman (1999), fundamenta-se na busca incessante pela ordem, desafiada pela ambivalência das práticas sociais. Morin (2011) defende a integração da incerteza no pensamento. A metáfora da modernidade líquida de Bauman ajuda a entender mudanças sociais recentes, com ênfase na impermanência e



flexibilidade.

A transição para o século XXI caracteriza-se pela "compressão do tempo-espaço" (Harvey, 2017), resultando em uma circulação social rápida que encurta distâncias e imediatiza serviços e comunicações. Giddens (1991) destaca a importância das dimensões de espaço e tempo na teoria da estruturação, transformando as relações sociais. Santos (1994) reforça a padronização das técnicas e a unificação do tempo e do espaço. Bauman (1999) utiliza a metáfora do software para descrever a modernidade líquida, onde a relevância do espaço físico diminui devido à instantaneidade da comunicação. Virilio (1993) discute a desvalorização do tempo absoluto, com a instantaneidade fragmentando a cronologia tradicional. Bergson (2006) introduz a noção de "duração", enfatizando a experiência pessoal do tempo. Deleuze (1999) expande essa ideia, propondo um tempo caracterizado por "saltos, acelerações, rupturas e diminuições de velocidades". Levy (2011) aborda o espaço virtual, onde o virtual, embora sem lugar físico, gera efeitos reais.

A relação entre Estado e cidadão se transforma, com a cidadania ativa emergindo como forma influente de participação política. A sociedade da informação redefine as relações de poder, com a tecnologia facilitando o intercâmbio global de informações e a formação de comunidades virtuais.

A transição do entendimento do tempo, desde a percepção cíclica na Grécia Antiga até a linearidade cristã e o tempo moderno objetificado, ilustra como essas noções foram reconfiguradas em resposta a mudanças culturais, científicas e econômicas. As contribuições de Einstein introduziram a relatividade, desafiando concepções newtonianas.

Na contemporaneidade, marcada pela aceleração frenética e compressão espaço-temporal, teóricos como Harvey (2017) e Giddens (1991) articulam a reorganização dos ritmos espaciais e temporais sob o capitalismo, desafiando noções tradicionais de distância e duração. A condição pós-moderna de Lipovetsky (2004) reflete uma "destemporalização", com a era da ubiquidade e instantaneidade desafiando concepções tradicionais.

Simultaneamente, nossa apreciação revelou uma transformação profunda na percepção do espaço. A visão de Foucault (2001) do espaço como historicamente determinado e a concepção tripartite de Harvey (2012) demonstram a diversidade de experiências espaciais. A ideia do "espaço de fluxos" de Castells (2020) reconfigura tanto o espaço quanto o tempo, levando à noção de "tempo intemporal".



Em suma, a contemporaneidade testemunha uma transformação profunda nas concepções de espaço e tempo. O espaço, antes estático, torna-se fluido e dinâmico, influenciado por tecnologias e redes de comunicação. O tempo, antes ordenado, agora é um campo de possibilidades dinâmicas. Esta transformação exige uma reavaliação contínua das estruturas sociais, políticas e econômicas para se adaptar a um mundo interconectado e em constante mudança.

#### 4 ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS SOBRE A DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA

Na contemporaneidade, a globalização e a transformação digital introduzem uma nova dinâmica espaço-temporal que desafia as bases teóricas e epistemológicas estabelecidas pela modernidade. A ordem e a proveniência, como princípios organizativos, têm garantido a coesão e contextualização dos documentos ao longo do tempo, mas agora precisam de abordagens mais flexíveis e contextuais. A visão moderna do espaço, objetiva e quantificável, tornou-se fundamental para a interpretação cotidiana dos arquivos (Wertheim, 2001). No entanto, a organização física e lógica dos documentos, ancorada em estruturas rígidas, está sendo reavaliada para capturar a complexidade e dinâmica dos documentos. A concepção espacial moderna reformulou o espaço na física, destacando a importância de acessar documentos com precisão (Marques, 2011; Cook, 1997).

A descrição arquivística tradicional, pautada no princípio da proveniência e na manutenção da ordem original, tem sido um pilar central da prática arquivística. No entanto, essa abordagem está sendo desafiada por novos contextos tecnológicos e sociais que demandam maior flexibilidade e uma reavaliação dos conceitos de proveniência e ordem. Trace (2020) observa que a organização de documentos reflete as intenções subjetivas dos agentes envolvidos, sugerindo que a ordem nos arquivos é uma construção social e não uma manifestação natural e objetiva. Brothman (1991) vai além, argumentando que a ordem nos arquivos resulta de práticas de agrupamento que muitas vezes obscurecem a complexidade inerente dos documentos.

Gilliland (2017a) critica a busca por uma ordem fixa que não leva em conta a natureza dinâmica da gestão de documentos e a existência de múltiplos contextos para os documentos. Essa crítica reflete uma tendência mais ampla na arquivologia contemporânea de questionar as abordagens tradicionais e buscar métodos que possam



acomodar as complexidades dos documentos digitais e as novas demandas de acessibilidade e interoperabilidade. McKemmish (2017) defende uma abordagem integrada, onde a descrição vincula metadados autoritativos desde a criação dos documentos, promovendo uma visão mais holística e dinâmica do processo de descrição. O records continuum, uma perspectiva que reconhece a interconexão dos processos de gestão de documentos ao longo do tempo, propõe uma ruptura com a visão linear e estática da descrição arquivística, sugerindo uma abordagem contínua e adaptativa (McKemmish et al., 1999).

A influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na natureza dos arquivos é central nessa transformação. As TICs estão redefinindo a descrição arquivística, movendo-a para além das tradicionais estruturas hierárquicas e adotando abordagens mais alinhadas com as percepções contemporâneas de espaço e tempo. Este avanço reflete a crescente importância do ciberespaço e de estruturas de dados mais flexíveis e adaptáveis na gestão de arquivos. Trace (2020) destaca que arquivistas contemporâneos começaram a adotar modelos de dados que integram conceitos tradicionais com uma nova ênfase na flexibilidade e na interconexão, permitindo uma adaptação melhor às realidades contemporâneas, onde a não-linearidade e a interdependência são fundamentais.

Uma das abordagens mais inovadoras é a descrição arquivística multidimensional, que utiliza modelos de rede e de grafos para capturar as complexas inter-relações e contextos dos documentos. Thibodeau (2016) propõe que a perspectiva rizomática, baseada na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e na teoria dos grafos, oferece uma ferramenta poderosa para entender as relações entre documentos, agentes e atividades, proporcionando uma visão mais dinâmica e interconectada dos arquivos. A teoria dos grafos, em particular, liberta a descrição arquivística das limitações de um esquema hierárquico rígido, permitindo uma análise mais rica e complexa das inter-relações entre os documentos.

O modelo de descrição arquivística *Records in Contexts* (RiC), desenvolvido pelo *International Council on Archives* (ICA), é um exemplo de como a percepção contemporânea de espaço e tempo está sendo incorporada na prática arquivística. O RiC-CM (*Records in Contexts - Conceptual Model*) adota uma abordagem multidimensional, acomodando tanto a descrição tradicional quanto novas possibilidades oferecidas pelas TICs. Esse modelo permite descrever conjuntos de documentos com procedências



complexas, usando várias relações entre recursos documentais e agentes ou atividades, refletindo a complexidade e a interconectividade dos arquivos no mundo contemporâneo (ICA, 2023).

A introdução do RiC e sua aplicação prática mostram que a descrição arquivística está se adaptando às novas realidades tecnológicas, permitindo uma maior flexibilidade e uma compreensão mais rica das inter-relações entre documentos. Isso é particularmente relevante no contexto da globalização e da transformação digital, onde os documentos são frequentemente interconectados de maneiras que desafiam as abordagens tradicionais de organização e descrição.

Além disso, Cook (1993) destaca que a transição da era da custódia para uma era pós-custodial na arquivologia implica uma mudança de foco, da curadoria de objetos físicos para a compreensão das inter-relações conceituais entre estruturas criadoras, suas funções, sistemas de informação e os documentos resultantes. Essa abordagem pós-custodial é facilitada pelas TICs, que permitem uma gestão mais eficiente e flexível dos documentos digitais, desestabilizando as camadas intermediárias tradicionais e promovendo uma visão mais integrada e dinâmica dos arquivos.

Sousa e Araújo Júnior (2019) observam que a recuperação de documentos digitais em sistemas automatizados oferece muito mais opções do que os métodos manuais antigos. Eles apontam que a familiaridade dos usuários com motores de busca, como o Google, tem gerado novas expectativas de comportamento informacional, levando a uma demanda por desempenhos comparáveis em sistemas de informação arquivística. A lógica de indexação por assuntos, essencial para a recuperação de informações, pode ser enriquecida com metadados, proporcionando uma visão multidimensional dos documentos e facilitando o acesso e a compreensão deles.

A perspectiva rizomática de representação da informação, como proposta por Thibodeau (2016), exemplifica essa nova abordagem. Utilizando conceitos da LSF e da teoria dos grafos, essa perspectiva permite uma análise mais profunda e uma representação mais precisa das inter-relações nos documentos arquivísticos. A teoria dos grafos, em particular, oferece uma estrutura flexível e poderosa para a análise e visualização das relações entre documentos, agentes e atividades, permitindo uma compreensão mais rica e integrada dos arquivos no contexto digital.

Em conclusão, as abordagens contemporâneas sobre a descrição arquivística refletem uma evolução significativa em resposta às demandas de um mundo digital e



interconectado. A flexibilidade, a inovação e uma compreensão mais ampla e integrada são fundamentais para capturar a complexidade e as múltiplas inter-relações dos documentos no contexto contemporâneo. A descrição arquivística multidimensional, baseada em modelos de rede e de grafos, representa uma solução avançada que permite uma representação mais precisa e dinâmica dos documentos, alinhada às novas exigências tecnológicas e às realidades multifacetadas dos arquivos na era digital.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação aborda a inter-relação entre a concepção espacial moderna, a dinâmica espaço-temporal contemporânea e as novas abordagens de descrição arquivística, elucidando as transformações no campo arquivístico.

Inicialmente, exploramos como a concepção espacial moderna, fundamentada em uma visão objetiva e tridimensional do espaço, moldou as práticas arquivísticas. Durante a modernidade, a percepção do espaço como elemento ordenado foi crucial para a organização física e lógica dos documentos de arquivo. Filósofos e cientistas da era moderna, como Galileu, Descartes e Newton, reformularam o espaço na física moderna, influenciando a arquivologia.

Contudo, observamos que essas concepções tradicionais estão sendo reavaliadas. A transição de uma visão estática para uma abordagem mais fluida é evidente. A descrição arquivística contemporânea move-se além das estruturas hierárquicas tradicionais, incorporando a complexidade e dinâmica dos documentos. A reavaliação das noções de ordem e proveniência reflete as intenções e percepções dos agentes envolvidos, desafiando a neutralidade na ordenação arquivística.

Em seguida, focamos na dinâmica espaço-temporal contemporânea e sua influência na descrição arquivística. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) transformaram a natureza dos arquivos, facilitando a transição de uma entidade física e hierárquica para uma mais alinhada com as percepções contemporâneas de espaço e tempo. As TICs permitiram a adoção de modelos de dados mais flexíveis, refletindo a interconexão e fluidez do ciberespaço. A era digital introduziu uma nova dinâmica, onde a não-linearidade e interdependência são fundamentais na organização de documentos.

A descrição arquivística, tradicionalmente realizada após o arquivamento, agora se integra ao longo de todo o ciclo vital dos documentos. A abordagem pautada no records



continuum promove uma visão holística e dinâmica da descrição, reconhecendo a importância dos metadados e a interconexão dos processos de gestão ao longo do tempo.

Por fim, destacamos as novas abordagens de descrição arquivística na contemporaneidade. Discutimos a transição para práticas integradas e contínuas, inspiradas no records continuum. As TICs redefinem a descrição arquivística, movendo-se além das estruturas hierárquicas tradicionais. A influência das TICs é central para entender a transição para uma era pós-custodial, onde a compreensão das inter-relações conceituais supera a curadoria de objetos físicos.

Abordamos a descrição arquivística multidimensional, exemplificada pelo modelo RiC, que utiliza modelos de rede e grafos para capturar as complexas inter-relações dos documentos. Este modelo oferece uma estrutura mais adaptável, refletindo a realidade multifacetada dos documentos no mundo contemporâneo, promovendo uma visão interconectada e dinâmica dos arquivos.

Em suma, nossa pesquisa revela que a descrição arquivística está evoluindo para uma abordagem mais flexível e adaptável, capturando a complexidade dos documentos em um mundo em constante transformação. A adoção de novas abordagens, como a descrição multidimensional e o uso de modelos de grafos, oferece uma base sólida para a prática arquivística, lidando com dados complexos e heterogêneos. Este avanço é essencial para uma compreensão mais rica e dinâmica dos arquivos, contribuindo para uma apreciação mais profunda do desenvolvimento e função social da descrição arquivística.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEARMAN, D. A.; LYTLE, R. H. The power of the principle of provenance. **Archivaria**, n. 21, p. 14-27, 1985.

BERGSON, H. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BROTHMAN, B. Orders of value: Probing the theoretical terms of archival practice. **Archivaria**, n. 32, p. 78-100, 1991.

CAVAILLÉ, J.-P. **Descartes et la philosophie naturelle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.



CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

COOK, T. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. **Archivaria**, n. 43, p. 17-63, 1997.

CROSBY, A. W. **A medida da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental, 1250-1600. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CUNNINGHAM, A. Peter J. Scott and the Australian series system: main features and historical context. In: INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES CONGRESS, 2012, Brisbane. Peter J. Scott and the Australian series system: it's origins, features, rationale, impact and continuing relevance.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Campinas: Papirus, 2001.

DURANTI, L. **Archive as a place**. *Archives & Social Studies: A Journal of Interdisciplinary Research*, v. 1, p. 445-466, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRIEDRICH, M. **The Birth of the Archive**: A History of Knowledge. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GILLILAND, A. J. Neutrality, social justice and the obligations of archival education and educators in the twenty-first century. **Archival science**, v. 11, n. 3, p. 193-209, 2011.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES. **Records in Contexts**: Conceptual Model. Version 1.0, 2023.

JAMMER, M. **Conceitos de espaço**: a história das teorias do espaço na Física. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2010.

JENKINSON, H. **A manual of archive administration**. 2. ed. London: Percy Lund Humphries & Co. Ltd., 1937.

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.



LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, J. L. Tempo = espaço = matéria. In: NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 167-175.

MARQUES, A. A. da C. Interloquções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil. 2011. 399 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2011.

MCKEMMISH, S. Recordkeeping in the Continuum. In: GILLILAND, A. J.; MCKEMMISH, S.; LAU, A. J. (ed.). **Research in the archival multiverse**. Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2017.

MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.  
ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHMIDT, C. M. dos S. Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções trajetórias contextualizações. 2012. 320 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHELLENBERG, T. R. **Modern archives: principles and techniques**. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

SOUSA, R. T. B.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Considerações sobre a classificação e descrição de documentos de arquivo no contexto do ambiente tecnológico e social. **Ciência da Informação**, v. 48, n. 2, 2019.

THIBODEAU, K. Breaking down the invisible wall to enrich archival science and practice. In: IEEE INTERNATIONAL CONFERENCE ON BIG DATA (BIG DATA), 2016, Washington DC. Papers [...]. Washington DC: IEEE, 2016.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRACE, C. B. Archival arrangement. In: DURANTI, L.; FRANKS, P. (ed.). **Encyclopedia of Archival Science**. Lanham: Rowman & Littlefield, p. 21-24, 2015.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.

WERTHEIM, M. **Uma história do Espaço: de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Pensar a História Cruzada: entre a empiria e a reflexividade. **Textos de História**, Brasília, v. 11, n. 1/2, 2003.

